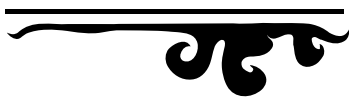




# *Alguém como você*

UM CONTO DE  
RENATA MELO



editora **buqui**

© Renata Melo 2022

Produção editorial: Vanessa Pedroso

Revisão: Editora Buqui

Imagem da capa: Clash\_Gene (Shutterstock)

Design da Capa: Nathalia B. Cecconello

Editoração: Nathalia B. Cecconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486a Melo, Renata

Alguém como você [recurso eletrônico] / Renata Melo.

1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2022.

recurso digital

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-8338-591-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

22-76165 | CDD: 869.3 | CDU: 82-3(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos desta edição reservados à

**bq Buqui Comércio de Livros Eireli.**

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102

Porto Alegre | RS | Brasil

Fone: +55 51 3508.3991

[www.editorabuqui.com.br](http://www.editorabuqui.com.br)

[www.facebook.com/buquistore](https://www.facebook.com/buquistore)

[www.instagram.com/editorabuqui](https://www.instagram.com/editorabuqui)

*Alguém  
como  
você*

❧ ❧ ❧

Ema entrou no avião particular da família contrariada por ter que voltar ao Brasil e abandonar a universidade de moda, recém-iniciada em Paris, para cumprir as ordens do seu meio-irmão. Tinha certeza de que Noah a odiava.

Noah e Ema mal se conheciam, as interações entre eles foram apenas em datas comemorativas e sempre acabavam em discussões com o pai, e ele desaparecia.

Ema era filha do segundo casamento de Mark Jones e, após a morte prematura dos pais dela em um acidente de helicóptero, o meio-irmão tinha solicitado a custódia legal até o próximo aniversário onde Ema atingiria a maior idade.

Tentava desesperadamente enxugar as lágrimas para ser forte, mas era impossível reprimir o turbilhão de sentimentos. Tinha acabado de perder os pais, estava sozinha no mundo, se desconsiderasse o meio-irmão, e seu sonho de estudar moda em Paris também havia sido tirado dela.

Um dia antes de embarcar, recebeu uma notificação judicial que não compreendeu, mas não parecia ser boa coisa.

— Senhorita Jones, bem-vinda! Espero que tenha feito uma boa viagem.

Ema olhou para a elegante senhora que a esperava. Dois carros pararam a poucos metros assim que a aeronave pousou.

— Sou Nicole Lee e serei sua assistente pessoal. O senhor De Luca nos encontrará no escritório jurídico. Lamento muito por sua perda. — Fora sincera.

Ema apenas desviou o olhar e se apressou para entrar no carro. Não queria que ninguém a visse chorar.

Noah usava o sobrenome da família da mãe dele, De Luca, e não se considerava um Jones como o pai ou Ema.

Há dois anos que não se encontravam e Noah se surpreendeu ao vê-la. Ema tinha esticado e não tinha mais as feições de menina, agora era uma linda jovem e estava praticamente com a mesma estatura que ele, apesar da diferença de idade. Noah era sete anos mais velho. Os olhos verdes, herdados da mãe dela, demonstravam tristeza, os cabelos mais claros em um tom amendoado estavam presos em um coque com alguns fios soltos.

Ema o olhou sentindo um grande vazio e raiva por ele não ser o irmão que ela tanto precisava agora. Queria poder se jogar nos braços dele e se sentir de alguma forma segura e amada, mas estava diante de um desconhecido.

Noah não sabia o que dizer, como se aproximar, se quer fazia ideia como seriam os próximos meses morando juntos sob o mesmo teto, mas, assim que a viu, mesmo Ema Jones contrariada por ter sido trazida de volta ao Brasil, achando ele um mostro, a protegeria.

— Eu... — Olhava-a. — Sinto muito. — Olharam-se por alguns segundos em silêncio. — Precisamos entrar. — Abriu a porta para ela.

— Senhor De Luca, bem-vindo!

— Essa é Ema Jones. — Noah se antecipou, apresentando-a ao advogado e puxando a cadeira para ela se sentar.

— Obrigada. — Ema agradeceu, sentando-se, após cumprimentar o advogado.

— Bom, não tenho boas notícias, senhor De Luca.

— Seja direto, por favor. — Noah era objetivo.

— O pai de vocês estava falido e tinha contraído muitas dívidas ao longo do último ano.

— Foi quando me recusei a dar mais dinheiro para ele... — Noah se culpou.

— Como? — Ema nunca se preocupou em saber como o pai sustentava a família, mas estava surpresa ao ouvir que Noah enviava dinheiro para o pai.

— Bom, senhorita Jones, não sei o quanto sabia sobre os negócios do seu pai, mas o seu irmão é quem sustentava sua família em Paris.

— Então? — Noah queria entender como resolver a situação de Ema.

— O fato é que ele devia para a máfia francesa e Ema foi a garantia.

— O quê? — Ema se levantou, surpresa, não acreditando no que ouviu.

— Eu pago a dívida, seja a quantia que for. — Noah tentava controlar a raiva.

— Ele não quer dinheiro, ele a quer. O pai de vocês, o senhor Jones, deixou um testamento dizendo que caso algo acontecesse com ele, o senhor Bernard Petit seria o tutor legal dela. É assim que consegue tantas jovens mulheres para trabalhar nas boates.

Noah se levantou e com o punho cerrado bateu com força sobre o tampo da mesa.

— Maldito! O que você fez? — Referia-se ao pai. — Não vou deixar esse mafioso chegar perto dela.

— A melhor decisão foi, imediatamente, trazê-la de volta ao Brasil e entrar na justiça solicitando a guarda temporária dela. Sob as leis brasileiras contestaremos esse testamento e, seguindo todas as instâncias jurídicas, no pior cenário, arrastaremos o caso pelos próximos oito meses até Ema atingir a maior idade e não precisar mais de um tutor. Como última alternativa...

— Não! — Noah o censurou, o interrompendo.

— Qual alternativa? — Ema estava atenta à conversa.

— Não, Ema. Vamos resolver. Não vou deixar ninguém encostar em um fio de cabelo seu.

— Mantenho vocês informados e, por favor, sigam minhas orientações.

— Sim, já providencie tudo. Ela ficará em segurança.

Ema só conseguia pensar que tudo o que sabia sobre a relação do pai com Noah parecia não ser verdade, e ela queria conhecer a verdade.

— Senhorita Jones, vai ficar tudo bem. Tem muita fragilidade nesse processo. Vamos resolver. — O advogado a olhou transmitindo confiança.

Noah a levou até o carro, abrindo a porta para ela. Dois seguranças estavam na saída do prédio e os acompanhou.

— Você não vem? — Olhava para a mão que Noah machucou ao esmurrar a mesa.

— Preciso voltar ao escritório. Nicole garantirá que terá tudo o que precisa. Te vejo à noite.

Ela o surpreendeu com um abraço. Era a primeira vez que se abraçavam.

— Obrigada. — Afastou-se para olhá-lo. — Precisa cuidar da sua mão.

— Eu vou. — Fechou a porta do carro e colocou as mãos nos bolsos das calças enquanto observava os dois carros se distanciarem, pensativo.

❧ ❧ ❧

Ema entrou na enorme e luxuosa casa de Noah De Luca.

— O senhor De Luca quer que se sinta em casa. Podemos trocar a decoração do seu quarto ou de qualquer outro cômodo que queira. — Nicole falava... enquanto Ema só conseguia pensar quando se olharam ao se reencontrarem, no modo como ele estava com raiva da situação, do murro que deu na mesa e de como se sentiu ao abraçá-lo.

Queria conhecer a versão de Noah sobre o pai.

Ema estava decepcionada com os pais. Sua própria mãe assinou aquele documento consentindo. Eles a venderam. Estava surpresa por descobrir que Noah sustentava todos os luxos de uma família extravagante. Recordou das inúmeras festas dadas pelos pais e se sentiu envergonhada e em dívida com o irmão.

Já era noite quando ouviu uma leve batida na porta.

— Pode entrar. — Levantou-se vestindo o robe.

— Queria saber se quer se juntar a mim para jantar-mos ou se está precisando de algo? — Perguntou sem jeito, não querendo invadir a privacidade dela.

Olhava para ele. Noah estava com os cabelos castanho-claros molhados, vestia *short* e camiseta branca e estava descalço. Bem diferente do homem sério que usava um terno mais cedo quando se reencontraram.



— Se me der um segundo, logo me juntarei a você.

— Claro. — Tentou não olhá-la diretamente. Era óbvio que eram desconhecidos.

Ema o encontrou na cozinha. Usava um vestido casual e os longos cabelos estavam soltos.

— O que quer comer? Marta deixou uma refeição para nós, mas quero mesmo é um bom sanduíche.

Ema olhava para a salada e a carne servida sobre a bancada da cozinha.

— Vou ficar com a salada. — Estava sem apetite.

Observou a mão machucada dele, enquanto Noah cortava a carne e a colocava com outros ingredientes no pão. Não se recordava de o ter visto tão à vontade e casual como agora. Queria saber mais sobre ele.

— Não vai comer? — Percebeu que ela mal havia tocado na salada.

Ema apenas movimentou suavemente a cabeça, tentando conter as lágrimas.

— Ao contrário do que pensa, não está sozinha.

— A gente mal se conhece... — Olhava-o, sentindo a mão dele sobre a sua.

— Vamos ter tempo para resolver isso. — Forçou um sorriso. — Então, devo saber se realmente gosta de salada com um bom bife ou é vegetariana?

— Está delicioso, mas, por hoje, não vou conseguir comer. — Franziu a testa e torceu o nariz.

— Certo. Que tal sobremesa? — Sorriu ao vê-la sorrir.

— Não sou criança, Noah.

— Não é... — Olhava para a mulher a sua frente. — Mas eu adoro doce, por isso ofereci. — Confessou abrindo o freezer e pegando um pote de sorvete italiano.

Pegou a colher a mais que ele colocou sobre a bancada e se deliciou com o sorvete de pistache.

Noah riu com o jeito charmoso como Ema brincou com o sorvete.

— Ajudou? — Colocou outra colherada na boca.

— Me sinto uma idiota. — Também pegou mais uma colherada do pote. — Todas as recordações que tenho de você não são boas. O clima sempre ficava tenso e vocês brigavam. Você nunca se sentou comigo como agora...

— Se serve de consolo, durante muito tempo, me culpei e achava que era um mau filho... — Fez uma pausa. — Mas, a verdade, é que demorei para entender que nosso pai nunca iria mudar... Ele abandonou minha mãe pela sua, acho que nunca amou a minha mãe, levou uma grana dela e, quando acabou, começou a me pedir dinheiro e eu sempre quis, realmente, me sentir filho dele... — Percebeu que mexeu com ela pelo que falou. — Já está tarde, melhor irmos dormir.

— Não faz isso, por favor. Preciso saber. — Ema foi até o *freezer* e escolheu um saco de ervilhas para colocar sobre o machucado na mão dele.

— Não precisa.

— Então? Continua. Comigo a terapia é de graça. — Forçou um sorriso.

— Onde você estava? Deixei uma pequena fortuna no terapeuta.

Ema riu pela primeira vez desde que chegou, e Noah, instintivamente, se sentiu bem ao vê-la sorrir.

— E, no último ano, eu finalmente tive coragem para não bancar as extravagâncias dele, e agora me sinto culpado por você... Me desculpa, nunca tive nada contra você.

Ema o abraçou sentindo novamente conforto e segurança.

— Ema...

— O quê? — Afastou-se para olhá-lo.

— Não sei se sabe, mas ele me adotou. Quando papai conheceu a minha mãe, ela já estava grávida.

Ela movimentou a cabeça deixando claro que não sabia.

— Pensei mil vezes se deveria te contar, porque nós nunca conseguimos criar um vínculo de família... — Colocou a mão sobre a dela. — Mas quero que saiba que você sempre terá a mim. Eu sempre vou estar aqui para você, eu quero ser a sua família.

Afastou a mão e se levantou evitando olhá-lo.

— Não quero mentiras entre nós. Quero que tenha certeza de que pode confiar em mim. Isso aqui é para você. — Entregou um envelope a ela.

— O que é isso? — Perguntou ao abrir e ver dois cartões, um de uma conta bancária conjunta e outro de crédito sem limite.

— A Nicole será sua assistente pessoal e tem um carro e motorista a sua disposição. Só vai precisar lidar com os seguros. Sei que por um tempo vai ter que adiar seu sonho de frequentar a universidade em Paris, mas aqui também temos ótimas universidades, tenho certeza de que se sairá bem. E eu vou lidar com o resto.

— Eu não sou o papai, Noah. Não quero o seu dinheiro.

— Sério, Ema? Me abri com você e vai usar o que te contei contra mim? Muito maduro da sua parte.

— Você é um homem muito rico e não quero que pense que posso me aproveitar disso... — Ela se aproximou. — Como infelizmente nosso pai fez... Nós mal nos conhe-

ceмос. Eu cresci com ele, mas não sou igual a ele. Nunca concordei com as extravagâncias deles.

— Droga, Ema... — Disse ao vê-la deixar a cozinha se recusando a pegar o envelope.

— Mas vou precisar trabalhar. Alguma dica?

— Já solicitei sua transferência à universidade em Paris. Agora tem que escolher qual cursar aqui em São Paulo, tem a UAM ou a USP, e poderá estagiar.

Deixou-o falando sozinho, e Noah cruzou os braços sorrindo ao perceber que ela era tão firme quanto ele quando queria se impor.

\*\*\*

Noah estava sentado à mesa desfrutando o café da manhã quando Ema se sentou ao seu lado.

Colocou suco no copo enquanto comia um pedaço de bacon. Os cabelos estavam presos em um coque, usava um leve vestido floral de tons claros.

Era uma linda manhã de um sábado ensolarado.

— Bom dia! — Guto tinha um entusiasmo pela vida incansável.

Noah observou o olhar do amigo para Ema.

— Ema esse é meu amigo, Guto.

— Melhor amigo. — Guto o corrigiu. Tinha achado ela linda. — Bem-vinda, Ema. Depois te dou ótimas dicas para conseguir conviver com esse cara. — Referia-se a Noah, brincando.

Ema sorriu ao ver o sorriso de Noah com a brincadeira do amigo. Era um sorriso leve e fraternal.

— Então, o que vamos fazer hoje? Temos que mostrar como nos divertimos para Ema.

Noah o censurou com o olhar, que Guto conhecia muito bem.

— O quê? Nós cuidaremos dela.

— Sério, Noah? — Ema o censurou também. — Não vai querer dar um de irmão chato comigo, certo?

— Os advogados pediram para sermos discretos e que eu garanta a sua segurança. Se algo acontecer, não serei considerado adequado para ter a sua guarda temporária, esqueceu?

— Cara, acho que está exagerando. — Guto quis suavizar o clima que ele mesmo criou.

— Fica fora disso, Guto. Isso é importante, não posso errar. — Disse olhando para ela.

Ema não queria admitir, mas Noah estava certo.

— Então vamos para Angra curtir o mar e tomar uns *drinks* à noite com a galera. Que tal?

— Eu não conheço. — Ema olhava para Noah esperando por uma resposta positiva. Sorriu.

— Tudo bem. Vamos.

— Vamos! — Guto levantou as mãos para cima com entusiasmo, Noah e Ema riram.

— Marta, vamos passar o final de semana em Angra. Por favor, peça para prepararem o jato.

— Sim, senhor De Luca.

— Tem 15 minutos, senhorita, para preparar uma pequena mala. — Noah comunicou. — Já estamos a sua espera.

— E vocês não vão levar nada?

— Já temos tudo que precisamos lá. — Guto se antecipou. — Logo você terá um guarda-roupa em cada casa que esse cidadão tem espalhada nos melhores lugares do mundo.

— Acho que não, Guto. — Sorriu, seria seu momento de vingança. — Ela precisará trabalhar e acho que vai demorar um pouco para conseguir nos acompanhar.

— Cara, por que já não deu um cartão para ela? Que irmão é esse?

— Pois é... Deve ser porque estou aprendendo agora esse negócio de ser irmão. Acho que estávamos um pouco enferrujados, o que acha, Ema?

Ema fez uma charmosa careta para Noah e deixou a cozinha sem retrucar ou o responder.

Uma hora depois, embarcavam para Angra dos Reis e Guto foi o elo de alegria e entusiasmo para minimizar o peso dos problemas e tristeza que Ema e Noah tentavam superar.

Ema foi apresentada à Eva, Amanda e Beto, que se juntaram a eles para o dia na luxuosa embarcação de dois andares.

A música era alto-astral e divertida, o sol, o mar e as cores da natureza contribuíam para a boa energia. Um *barman* fazia deliciosos *drinks* e Ema se sentiu à vontade ao lado dos amigos dele.

— Vai devagar com esses *drinks*. Já bebeu antes? — Percebeu a expressão de reprovação dela.

Ema tomou mais um gole. — Em que mundo você vivi, Noah? — Sorriu e falou suavemente. — Desculpa frustrar suas expectativas, mas também não sou mais virgem.

Noah sorriu. — Acho que não preciso saber dos detalhes. — Fez uma careta.

— Você vem? — Convidou-o retirando o vestido e deixando à mostra o lindo corpo no biquíni.

Guto se aproximou do amigo. — É mano, que gata! Estou na fila, se me der sua benção.

Noah o empurrou, brincando, tirou a camisa e pulou na água logo atrás dela.

Logo todos entraram na água e se divertiram com as histórias engraçadas que Guto contava sobre as aventuras deles para que Ema pudesse conhecer mais sobre Noah.

— Acho que já está bom de ser humilhado, Guto. — Sorriu, um pouco envergonhado.

Ema o olhava satisfeita por saber que Noah sempre teve bons amigos que o apoiavam e cuidaram dele quando mais precisou.

❧ ❧ ❧

— Quer sobremesa? — Perguntou a ela assim que chegaram em casa do final de semana.

— Sorvete?

— Segunda geladeira. Acho que deve ter mais algumas coisinhas. — Abriu a porta e sorriu ao ver o olhar de surpresa de Ema.

— É, definitivamente você gosta de doce. Não sei como consegue manter esse corpo. — Arrependeu-se ao falar. Intimamente, não sabia como dizer isso sem deixar claro que havia olhado para ele.

Não cresceram juntos, não brincaram ou brigaram na infância, não criaram vínculos fraternais. Era estranho agora estarem passando tanto tempo juntos, de forma tão próxima, sob o mesmo teto. Noah compartilhava dos mesmos sentimentos que Ema, mas não conversavam a respeito. Seguiriam, cada um, da sua forma, tentando fazer dar certo.

— Onde está o envelope?

Noah sorriu.

— Sobre a mesa do escritório. — Disse satisfeito por ela ter voltado atrás.

Esperava que ele fosse falar algo mais.

— O quê?

— Não vai dizer mais nada?

— Que estou feliz por me deixar fazer isso por você?

— Obrigada. — Estava do outro lado da bancada.

— Sério. Estou feliz que esteja aqui comigo. Espero que essa nova etapa da sua vida possa ser a melhor que já viveu até aqui.

❧ ❧ ❧

As semanas seguintes foram corridas para eles. Ema começou a cursar Moda na UAM e facilmente se enturmou com os colegas, reconhecendo que era tão bom quanto ao que lembrava em Paris. Já Noah estava com a agenda intensa de reuniões e conseguiu fechar bons negócios pelo quais trabalhou muito.

Eles se encontravam às noites, jantavam juntos, conversavam sobre o que gostavam, sobre o que não gostavam, sobre as lembranças da infância, sobre os medos e dificuldades que tiveram enquanto cresciam. Estavam cada vez mais próximos.

— Que tal um filme hoje? — Ema sugeriu.

— Não vou assistir filme de menina. — Se defendeu de uma almofada que Ema jogou.

— O novo filme do 007. Quero muito assistir.

— Sorvete ou pipoca?

— Noah, acabamos de jantar. Se eu comer o quanto você come ficarei obesa.



Noah adormeceu ao longo do filme, ao lado dela, e Ema ficou olhando para ele, decorando cada detalhe do seu rosto, tentando decifrar que sentimento era aquele que crescia dentro dela. Pensou que fosse natural estar confusa, por ter pulado várias etapas de uma relação saudável com o irmão. Chegou à conclusão que precisava retomar a vida amorosa, que ter alguém a ajudaria a equilibrar seus sentimentos.

Ema o cobriu e foi para o quarto. Noah abriu os olhos e colocou a mão na testa, sentindo o coração cheio de dúvidas. Sabia que esse tempo com Ema era importante para ficarem mais próximos, para se conhecerem melhor, mas também estava na hora de retomar sua vida social.

\*\*\*

Noah chegou mais cedo em casa, estava ansioso para contar a Ema as boas notícias. Tinham muito a comemorar.

— Marta, Ema está em casa?

— Está na piscina com uns amigos.

Foi até o terraço do quarto que tinha vista para a piscina, afrouxando a gravata do colarinho, esperando vê-la. Ema estava correndo de um cara que tentava alcançá-la e, quando alcançou, a pegou em seus braços e a beijou na boca. Pareciam próximos, mas ela, em nenhum momento, contou a ele que estava saindo com alguém.

Noah baixou a cabeça e desviou o olhar. Ema o viu deixar a sacada, retornando ao quarto, e se afastou de Levi, perdendo um pouco o entusiasmo do momento por saber que o Noah havia visto a cena.

Meia hora depois, Noah saiu deixando um recado com Marta para que não o esperasse para jantar. Naquela noite não voltou para casa. Naquela noite descobriu que não

conseguiria seguir adiante ao lado de Ema sendo o irmão que ela merecia ter. Estava se sentindo sujo.

Noah somente enxergava a jovem que preencheu sua vida nos últimos três meses. Estava impregnado do doce sorriso e graça dela.

Na manhã seguinte, entrou em casa sem tirar os óculos escuros. Foi até a mesa do café da manhã e serviu-se de café.

— Parece que a noite de alguém foi ótima... — Ema comentou com ciúmes. Tinha sido a primeira noite desde quando ela chegou que não passaram juntos em três meses.

Noah não respondeu, servindo-se de ovos e bacon.

— O Dr. Otto ligou ontem, ao final do dia, e me deu as boas notícias: que você é, oficialmente, meu tutor pelos próximos seis meses até meu aniversário.

Ele olhou as horas no relógio. — Me desculpa, Ema, mas estou atrasado. Acho que me empolguei demais ontem. — Comentou para que ela pensasse que ele fez algo interessante. — Aproveita a boa notícia com seus amigos.

— Nos vemos à noite? Falamos tantas vezes que comemoraríamos juntos quando esse processo acabasse. — Insistiu, consciente que ele estava agindo diferente com ela.

— Tenho um encontro. Depois combinamos.

Ema já estava de pé diante dele e retirou os óculos escuros para olhá-lo.

— Eu fiz alguma coisa? — O beijo que Noah viu não saía da cabeça dela.

— Não. Realmente preciso ir, Ema. — Mal terminou de falar e sentiu o abraço dela.

Noah não correspondeu. Precisava se afastar e se manter distante o máximo possível.

— Nicole vai lhe mostrar alguns cursos para o seu próximo semestre. Cursos ótimos nos Estados Unidos. Penso que seria uma boa opção você considerar.

Cruzou os braços, Noah mal a olhou nos olhos.

— É, talvez... — Estava triste por saber que a queria longe.

Ema caminhava de um lado a outro da porta do quarto dele, pensando se deveria entrar para confrontá-lo. Não aceitaria que Noah saísse de casa com o clima estranho que estava entre eles.

Respirou fundo criando coragem e entrou. Noah tinha acabado de sair do banho e estava com a toalha na cintura.

— Não sabe bater, garota? — Descontou nela a frustração. Estava se mantendo longe justamente para que isso não acontecesse.

— Me desculpa. — Desviou o olhar. Seu coração acelerou ao vê-lo. — Precisamos conversar. Preciso saber o que eu fiz para querer me mandar para longe? Eu posso consertar.

— Sai, Ema. Já te disse que estou atrasado. Não é uma boa hora par termos essa conversa.

Ela não se moveu.

— Droga, Ema. — Impulsivamente foi até ela e colocou a mão dela sobre seu peito.

A mão dela queimou ao encostar na pele dele, ao sentir o coração batendo forte e acelerado.

— Acho que isso não tem como você consertar. Preciso ficar longe. Estou com nojo de mim mesmo. — Afastou-se.

Ema ficou pálida, sem reação. O coração dele estava tão acelerado quanto o dela, ela apenas foi covarde demais para também revelar.

Caminhou lentamente até a porta, mas parou.

— Ema, não!

Então ela respirou fundo e deixou o quarto.

Nas semanas seguintes mal se viram. Noah colocou em dia a agenda de viagens a negócios que vinha adiando para estar com ela. Foi a justificativa perfeita para verem os dias e as noites passarem enquanto ela terminava o semestre.

Ema concordou com o intercâmbio e passaria o resto do seu ano nos Estados Unidos. Noah retirou os seguros e a deu mais liberdade para viver a própria vida. A única orientação que receberam foi evitarem a Europa por mais algum tempo. O senhor Bernard Petit era um homem sábio, e logo que soube do meio-irmão da garota e do quanto estavam juridicamente bem-preparados, declinou, evitando chamar atenção para os seus negócios.

Noah estava em uma reunião quando recebeu uma mensagem de Ema.

*“Vem para casa cedo? Amanhã é meu voo.  
Vou te esperar.”*

Não respondeu, estava pensativo, a única certeza que tinha era que a cada dia ficava mais insuportável ficar distante dela.

Quando chegou em casa a música estava alta, Guto e os outros amigos e amigas mais próximos que Ema também gostava estavam lá com mais meia dúzia de amigos que ela fez na faculdade.

Estavam dançando, rindo, se divertindo. Ela queria trazer o máximo de leveza para a sua despedida. Sabia que Noah estava se culpando, sofrendo e preocupado com o rumo da relação deles.

Ema foi até ele, sorrindo.

— Que bom que conseguiu chegar cedo.

Sorriu feliz por ter tomado a decisão certa.

— Discurso, discurso, discurso! — Os amigos dela pediam como se fosse uma melodia.

— Certo. Primeiro, quero dizer que não estou pronta para me despedir, por isso, não fiquem felizes, porque serão somente alguns meses estudando em outros ares. — Forçou um sorriso, contendo a emoção para continuar a falar. — Eu vivi muitas coisas que me fizeram crescer e cuidar de mim mesma, sozinha, cedo demais. Me recordo que no voo de volta ao Brasil, eu pensava que minha vida estava dando um passo para trás, então, fui imensamente feliz ao descobrir que seria exatamente ao contrário... Nunca me senti tão cuidada e amada. — Olhou para Noah. — Cada um de vocês é responsável por eu me sentir assim. Amo vocês.

Ema recebeu muitos abraços e beijos afetuosos.

Noah foi o último a falar com ela.

— Me abraça. — Pediu.

Eles se abraçaram e Ema enterrou a cabeça no pescoço dele, sentindo o calor do corpo que a envolvia, depois segurou com as duas mãos seu rosto, emocionada, olhando em seus olhos, antes de falar em seu ouvido.

— Seja o que for que sente por mim, eu sinto igual. E estou tão apavorada quanto, mas lembre-se de que não estamos fazendo nada errado, não crescemos como irmãos, nem temos o mesmo sangue.

Noah a abraçou mais forte.

— Sempre vou estar aqui para você, eu prometo. — Parou de falar sentindo os dedos dela suavemente tocar seus lábios.

— Eu sei. — Sorriu.

— Vai ser muito bom para seu currículo essa experiência. Olhavam-se.

— Vai... — Referia-se ao tempo que teriam para pensarem melhor sobre tudo. — Me desculpa ter desorganizado sua vida certinha e metódica. — Sorriu ao ouvir a risada dele. Era bom vê-lo sorrir depois de semanas.

— Tenho ótimas dicas para você se divertir, lugares para conhecer e os melhores restaurantes e lanchonetes.

— Nós vamos ficar bem? — Para ela, era o mais importante.

— Sim.

E Ema embarcou para os Estados Unidos com o coração apertado por estar se afastando de Noah, mas talvez ele estivesse certo, a distância seria importante para organizarem os pensamentos, compreenderem melhor os sentimentos. Foi tudo tão rápido e intenso, que poderiam estar confundindo as coisas.

\*\*\*

Os seis meses iniciais transformaram-se no período curricular do curso. Ema tomou a decisão, ainda perdida, tentando abafar em seu coração os sentimentos por Noah que, apesar da distância, cresciam, e o que mais doeu foi ele, racionalmente, apoiá-la.

— Adorei os frutos do mar que me recomendou. — Estavam em uma chamada de vídeo.

— Para mim são os melhores.

— Mas abriram mais lugares legais por aqui. Na próxima vez que estiver por aqui serei eu quem farei boas indicações.

— Certo, espertinha. — Sorriu.

— Estou com saudades.

— Como se não nos falássemos com frequência.

— Sabe que não é a mesma coisa. — Suspirou, frustrada. — Lembra do que me disse quando nos reencontramos há três anos? Que nunca me deixaria sozinha, mas eu estou sozinha, Noah.

Noah desviou o olhar, pensativo. Estava tão frustrado quanto ela e, por mais longe que Ema estivesse fisicamente, permanecia em seu coração e, por mais que estivesse tentando, os sentimentos por ela ficaram mais fortes.

— Mas deve estar muito ocupado para perder tempo comigo...

— Sobre o que está falando, Ema?

— Sobre as fotos em suas redes sociais. Você não é assim...

— Ah, sobre isso... Vou precisar desligar, falamos depois, pode ser?

Suspirou, magoada, com ciúmes e com medo de perdê-lo.

— Tenho só mais uma pergunta.

— O quê?

— Quer que eu siga o mesmo caminho? — Viu Noah desviar o olhar.

— Só quero que seja feliz e esteja segura. Ninguém melhor do que você para saber o que a faz feliz.

— Então está feliz? — Odiava quando ele se esquivava para não conversarem sobre eles.

— Já pensou no que vai fazer após a formatura no final do ano?

— Nossa! O tempo passou muito rápido.

— Noah!

Ema ouvi o chamarem.

— Falamos depois. — Sorriu e desligou.

Ema continuou olhando para a tela do *smartphone* querendo dar um basta nas dúvidas e expectativas que não a deixavam seguir adiante.

Diferente de Noah, Ema não postou nas redes sociais seus relacionamentos, reconhecendo que, talvez seu maior erro tenha sido deixá-lo presenciar o beijo com Levi, o assustando, e quase três anos depois ainda estavam tentando superar o outro.

❧ ❧ ❧

Era um lindo sábado de verão, o sol brilhava com toda a sua imponência. Guto e Noah estavam na piscina em uma das inúmeras festas particulares. Ema se deparou com os carros estacionados na entrada ao chegar. Noah não sabia que ela vinha, então deveria estar preparada para, talvez, ver algo que não quisesse ver. Disse a si mesma para ter coragem. Talvez Noah estivesse acompanhado, namorando, ela não tinha como saber, porque não conversavam sobre isso.

Ema entrou sem ser vista e subiu as escadas direto para o seu quarto.

*Não seja covarde.* Repetia enquanto andava de um lado a outro pensando no que fazer.

Trocou a roupa pelo biquíni, sobre as peças apenas uma camisa branca aberta e com as mangas dobradas. Decidiu ir ao terraço do quarto dele, com vista para a piscina, para deixá-lo saber que estava em casa. Ema se apoiou com as duas mãos na estrutura de vidro e sorriu ao vê-lo. Tinha se transformado em uma linda mulher e conhecia seu poder de sedução.



Noah se surpreendeu ao vê-la. O coração dele acelerou e ficou paralisado, enquanto Ema sorria para ele. Então ela entrou, também com o coração acelerado, e o esperou.

— Ema. — Parou diante dela. — Por que não me avisou?

Sorrindo, Noah vestia apenas um *short* azul e ela quis abraçá-lo, mas não se moveu por ter dúvidas sobre qual poderia ser a reação dele. Ao invés disso, colocou a mão sobre o peito dele. O ritmo do coração era forte e acelerado.

Então, pegou a mão dele e a colocou sobre seu peito, deixando-o sentir o seu coração também acelerado, e Noah fechou os olhos por alguns instantes.

— Era assim que estava meu coração naquele dia... — Avançou mais alguns passos e encostou o corpo ao dele, abraçando-o.

— Ema, não. — Sentiu os lábios dela sobre os seus e não resistiu ao delicioso beijo.

O primeiro beijo, confirmando seus sentimentos: era amor verdadeiro entre um homem e uma mulher.

Mas Noah ainda lutava contra seus desejos mais primitivos e se afastou por saber que estava percorrendo um caminho sem volta.

— Juro que essa será sua última chance, senhor De Luca. Não somos irmãos, nunca fomos e quase três anos depois ainda estamos aqui tentando superar o outro.

Noah recordava.

— Naquele dia, na piscina, fiquei sem chão.

— Acho que, inconscientemente, eu provoquei aquilo. Queria ver sua reação.

— Eu não consegui lidar com a situação.

— Doeceu muito saber que me queria longe.

— Eu precisava ficar longe... — Observou ela segurar sua mão. — Nós nos aproximamos tão rápido, era tão fácil ficar à vontade ao seu lado, era tão natural.

— E agora? — Aproximou-se, franzindo a testa e torcendo o nariz, charmosamente, então Noah a abraçou.

Afastou-se para olhá-lo, os braços ao redor do pescoço dele. — Tem alguém lá embaixo que está como sua acompanhante? Preciso me preparar? — Sorriu, feliz por saber que o coração dele era somente dela.

Tinha tanta tensão sexual entre eles que não sabiam quanto tempo mais resistiriam.

Noah riu. — Não tem. Quando me perguntou se deveria seguir o mesmo caminho, eu parei, porque a verdade era que a queria somente para mim.

— E eu estou aqui e sou só sua. — A mão acariciava a nuca dele.

Os olhos dele estavam vivos e brilhantes. Um olhar de predador que Ema nunca tinha visto. Estava prestes a conhecer um homem completamente diferente do que conheceu até então.

Noah desceu de mãos dadas com ela.

— Não acredito! — Guto a abraçou. — Nossa, Ema, os Estados Unidos a fizeram bem. Você está uma gata!

Noah e Ema riram e ela retribuiu o abraço do amigo.

— As mãos dadas significam o que estou pensando? — Guto perguntou olhando para o melhor amigo. Acompanhou todo o drama e conflito que Noah viveu.

— Espero que sim. — Respondeu olhando para Ema, que movimentou a cabeça confirmando.

Noah a apresentou aos amigos que não a conheciam como sua namorada e todos ali ficaram fascinados com a história deles, incluindo o drama. Eva e Amanda se emocio-

naram por terem acompanhado parte do que eles viveram no primeiro ano dela no Brasil, inclusive estavam na despedida dela e sabiam o quanto Ema estava chateada por ter que se afastar dele e deixar seu país outra vez.

— Quando tem que voltar?

— Segunda. — Forçou um sorriso.

— Dois dias...

— Você pode ir até mim. Após a formatura volto para casa.

— E Paris? — Sabia sobre os interesses dela em voltar.

— Paris não se compara a você.

— Não quero que abra mão dos seus objetivos por minha causa.

— Não vou. — Beijou-o. — Não conhece os meus objetivos.

Noah sorriu. — Pensei que conhecia...

— Mas posso lhe deixar saber o que gostaria como próximo passo. Que tal, senhor De Luca?

— Me parece bom.

Ema o abraçou falando em seu ouvido. — Foram três anos de fantasias sexuais com você. Não quero mais só fantasiar.

E lá estava o olhar de predador outra vez, e Ema engoliu em seco, excitada. A cada contato físico que tinham seu corpo vibrava. Era tão espetacular sentir o desejo crescer, mas, principalmente, por saber que não era somente uma atração física.

❧ ❧ ❧

Ema se olhava no espelho antes de descer para jantar, quando ouviu a leve batida na porta.

— Ema?

— Pode entrar.

Noah abriu a porta e se manteve parado. Ema estava atenta ao olhar dele através do reflexo do espelho.

Caminhou até ela abraçando-a por trás, segurando-a pela cintura. Olhavam-se pelo espelho.

— Está com fome? — Perguntou, mordendo suavemente a orelha dela.

— Faminta. — Respondeu fechando e abrindo os olhos.

— Tira o vestido. — Ordenou.

— O quê? — Ele nunca tinha falado com ela daquela forma.

— Tira o vestido, agora. — Falou segurando no final da peça, as pontas dos dedos subiam, acariciando-a.

Ema tirou o vestido, deixando as peças íntimas serem a nova visão dele. Noah estava logo atrás dela e abriu o feixe do sutiã. Os olhos vivos a olhavam e Ema estava completamente excitada. Ele mal havia a tocado, mas ela já se sentia muito desejada.

Noah deslizou as mãos suavemente sobre as nádegas, ainda observando a expressão dela através do espelho, até as duas mãos se encontrarem na lateral da peça e a rasgarem. Agora Ema estava completamente nua e Noah completamente vestido.

Ema quis se virar para ficar de frente para ele, mas Noah não permitiu.

— Quietinha.

Abriu sem pressa os botões da camisa, tirando-a, depois a bermuda.

Ema olhava para o olhar desconhecido, para as ações que nunca imaginou em suas fantasias e, a cada segundo, ficava mais excitada.

Noah encostou o corpo ao dela, afastando os cabelos e a beijando no pescoço, as mãos percorreram o caminho do abdômen até os seios, os acariciou enquanto olhava Ema morder o lábio inferior e abrir e fechar os olhos, enquanto sentia as mãos dele percorrem seu corpo.

Ela se virou e o beijou, desejando mais. Noah a levantou, segurando-a pelas pernas até a cama e se deitou sobre ela, beijando-a mais uma vez antes de parar.

— Ema. — Disse deslizando do pescoço aos seios em beijos que a estimularam até alcançar seu ponto mais íntimo e a fazer se perder em um turbilhão de sensações de prazer.

Ainda estava de saltos, segurando com força o lençol, enquanto ele estava entre suas pernas, a levando à loucura.

Então a penetrou de forma vigorosa, beijando seus lábios, e, sem pressa, encontraram o próprio ritmo prolongando ao máximo aquele momento de prazer até o clímax.

Noah a manteve em seus braços enquanto se recuperavam, não estava pronto para soltá-la. Ema nunca tinha se sentido tão desejada.

Estava curioso para saber sobre as expectativas das fantasias dela, enquanto Ema estava deitada ao lado dele, olhando-o em silêncio.

Noah apoiou a cabeça com a mão direita e seguiu olhando para ela, até ter coragem para falar.

— Me assusta te amar tanto, Ema. Ficar longe de você foi insuportável. Negar o que sentia por você foi insuportável.

— Então me deixa te compensar. — Disse, subindo sobre ele.

Eram jovens e vigorosos, e Noah já estava preparado para estar com ela novamente.

Noah posicionou uma mão na nuca dela e a outra apertando suas nádegas, se movimentando com ela sentada sobre ele. Os beijos alternavam os lábios dela e os seios.

Ema se movimentava sentindo-o dentro dela, sentindo seu corpo tremer mais uma vez de prazer, dessa vez, até a exaustão.

— Você está bem? — Tinha a segurado com mais força.

Ema movimentou a cabeça e sorriu, fechando os olhos com o corpo completamente exausto.

— O lance do espelho... Me deixou muito excitada e curiosa, senhor De Luca.

Noah sorriu. — Que tal jantarmos? — Levantou-se vestindo a cueca.

Ema vestiu uma calcinha, cobriu o corpo com um robe com um laço na cintura e prendeu os cabelos em um coque.

E lá estavam eles na cozinha que Ema tanto amava, conversando e comendo, como se o tempo não tivesse passado. Por três meses, ali foi o lugar mais acolhedor que desfrutaram juntos. Era tudo tão familiar, exceto por Noah entregar uma taça de vinho tinto a ela, aquilo era novidade, e Ema a aceitou satisfeita por ele tratá-la como uma mulher e não mais como a menina de dezessete anos.

— Sobremesa? — Perguntou pegando o pote de sorvete.

— Não, obrigada.

— Certo. — Sorriu já bem próximo a ela, sentando-a na bancada e rasgando a calcinha que ela vestia.

— Tenho certeza de que ainda tem a intenção de que eu volte para casa de calcinha. — Comentou sentindo suas mãos a acariciando e tirando seu robe.

— Então não vista mais nenhuma até segunda. — Beijava seus seios, enquanto esperava o sorvete atingir a consistência que desejava.

Noah saboreou sua sobremesa preferida sobre o corpo dela antes de penetrá-la outra vez.

— O sabor ficou perfeito sobre a sua pele. — Disse, satisfeito, ainda dentro dela.

— Acho que passou a ser minha sobremesa preferida também. — Comentou, ainda ofegante. — Preciso de um banho.

— Eu posso te ajudar, com prazer.

— Noah! — Estava surpresa com esse lado dele que desconhecia.

Era tarde da noite quando se deitaram. Ema estava cansada pelo fuso horário, pelo dia e a noite intensa que tiveram.

— Noah... — Já estava com os olhos fechados e sonolenta. — Também estou assustada por te amar tanto.

Beijou-a no rosto e Ema adormeceu.

\*\*\*

Quando acordou, Noah não estava na cama. Vestiu uma camiseta dele e desceu.

— Noah!

— Aqui! — Respondeu ao ouvi-la.

Ema parou na porta do escritório. — Trabalhando?

— Somente enquanto você dormia. — Abraçou-a quando ela sentou em seu colo. — Descansou?

— Sim. — Ter dormido ao lado dele foi especial.

Sorriu ao acompanhar o olhar sugestivo dele para a mesa. E ela tomou a iniciativa de se levantar do colo dele e

sentar-se sobre a mesa. Noah manteve-se em pé, e se amaram outra vez.

Ema estava feliz, mas não tinha certeza se Noah sentia da mesma forma o que a fez o questionar.

— Está arrependido?

— Por quê? Você está?

— Claro que não. Então o que está te incomodando?

— Quando lembro do nosso pai, não acho que seria algo que aprovariam.

— E você precisa dessa aprovação? Porque eu não preciso. Ainda mais vinda de um homem que me vendeu por dinheiro. — Afastou-se.

— Para aonde está indo?

— Tomar um delicioso e demorado banho. — Falou sem olhar para trás, deixando o cômodo.

Ema o encontrou na cozinha fazendo o café da manhã.

— Precisa de ajuda?

Segurou-a pela cintura quando Ema se aproximou.

— Ema Jones, você é a pessoa mais importante na minha vida e dá medo pensar que posso estragar tudo.

Ela o beijou.

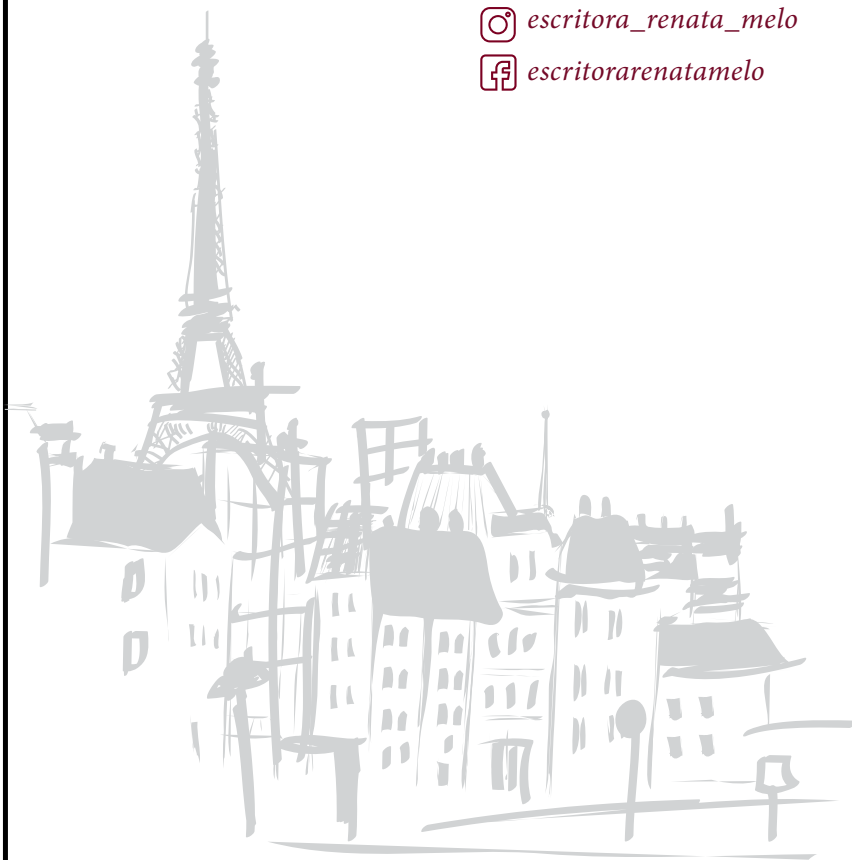
— Então, não estrague. — Sorriu, sentindo-se segura e amada nos braços dele.



[www.escritorarenatamelo.com.br](http://www.escritorarenatamelo.com.br)

 [escritora\\_renata\\_melo](https://www.instagram.com/escritora_renata_melo)

 [escritorarenatamelo](https://www.facebook.com/escritorarenatamelo)



buqui

[www.editorabuqui.com.br](http://www.editorabuqui.com.br)